

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»—Rua Monsenhor—FAFE

A Unidade Militar e outras aspirações

São várias as démarches já feitas no sentido de Guimarães voltar a ter uma Unidade militar, acto que revelaria umas das maiores justicas para com a nossa terra. Porém, todos os esforços têm sido inúteis. O Governo da Ditadura ainda não resolveu satisfazer as mais justas aspirações dos vimezanenses, aspirações que todos já conhecem e que são o que há de mais legítimo e mais racional. Além da Unidade militar, a nossa Terra continua a ter direito a um Liceu Central e a uma Escola Industrial e Comercial, completa, de modo a estar de harmonia com o meio onde existe. Pedir isto, que é unicamente o indispensável e aquilo a que os vimezanenses têm direito, não é pedir sacrifícios ao Governo da Ditadura, mas é, sim, pedir que justiça seja feita a uma terra, que tem sido mais sacrificada do que nenhuma outra. Guimarães, que dá abundantes recursos ao Estado, não pode continuar a ser uma vítima inocente... E, pois, necessário que as suas aspirações sejam satisfeitas, pelo menos as de maior urgência, e que são aquelas que acabamos de mencionar. A «Sociedade de Defesa de Guimarães»—que parece estar resolvida a não descurar tão justas pretensões, deve, neste momento, intensificar a sua acção em prol do Progresso da nossa Terra. Para este fim, que exige a boa vontade e o auxílio de todos os vimezanenses, deve haver um só ponto de vista, o qual, no nosso entender, será o seguinte: Todos aqueles que se interessarem pelo que deve ser restituído a Guimarães, devem prestar a seu concurso junto daqueles que, mais de perto, tratarem deste magno assunto.

Rectificando

Num dos nossos últimos números veio incompleta a notícia que relatava o falecimento do sr. Alexandre da Fonseca Fernandes, tio do nosso distinto correligionário, sr. Dr. Alfredo Fernandes. Por lapso, esqueceu-nos dizer que o sr. Manuel Jesus de Sousa também assistiu ao funeral. E já agora, digamos quem representavam todos os nossos correligionários que foram a Vieira assistir àquele acto. O sr. A. J. Ferreira da Cunha representava a Comissão Política do P. R. P. e o sr. Dr. Mariano Felgueiras. O sr. Tenente Albano Cruz representava os srs. Bernardino Jordão e António de Jesus Teixeira.

O sr. António Francisco Ferreira de Castro representava a Direcção do Centro Republicano de Guimarães.

O sr. Francisco Gonçalves da Cunha representava os srs. José Fernandes Guimarães, Dr. Alfredo Pinto, Dr. Mario Dias e Mario Meneses.

O sr. Antonio Barbosa de Abreu representava o sr. Alferes Herculano Guerreiro.

O todos estes nossos correligionários, por só agora procedermos à rectificação, rogamos muita desculpa.

A REPUBLICA ESPANHOLA

Quem houver lido assiduamente a imprensa diária reconhece o nervosismo intente que ora agita os homens do país visinho. Desenrola-se—além fronteiras—uma querela gigantesca entre o cérebro renovador e os velhos preconceitos da Espanha antiga; é um *valecção rugidor* no seu mais histórico apogeu. Já não pode haver nevoeiro que dê uma aparência errada ao aspecto real das coisas. Há nitidez de sobejo em tudo aquilo. O povo espanhol quer respirar o ar fresco e aliciante da Liberdade.

Afonso XIII—figura discutida nos vários departamentos da Europa que observa—entrincheira-se no último reduto. Esgotam-se-lhe as forças ante a reincidência tenaz e heróica das fileiras republicanas.

Passa porventura a hora mais amarga da sua vida. Fremente de justiça, ameaçadora, *trética*, ergue-se indomável a Espanha nova.

Conluíra-se o soberano em 23 com Primo de Rivera—ditador de instintos sangüinários que não recuava ante a prática iníqua de vários erros—para salvar a Espanha de pretensos desmandos. Foram varridas as personalidades mais prestigiosas da política, inteligências fulgurantes de que aquêle país ficou privado.

Primo de Rivera conseguiu resolver, apoiado pela França, a questão de Marrocos. E pesaram sobre Berenguer tremendas acusações. Este successo de Rivera conseguiu do rei uma ampla confiança; porque no fundo, Afonso XIII, ardia em sede de realza e—neste estado de alma—não deu pelo erro de tática ao desrespeitar a Constituição que jurara.

Atribui-se-lhe uma grande sagacidade política. Mas, é sabido que a rainha Cristina, sua mãe, o desviara do precipício algumas vezes. Chegou mesmo a escrever a Sanchez Guerra, convidando-o a ir salvar a Espanha do *nefasto homem* que, em ditadura, a calcava arbitrariamente.

Essa carta foi captada e Sanchez Guerra não pôde fazer eclodir o movimento que a velha rainha lhe pedia. Esta senhora morreu repentinamente, roída por medonhos sofrimentos morais.

Houve um momento em que o rei teve a noção do terrível parêntesis que abeira na historia da sua pátria. Dizem os mais perspicazes que foi demasiado tardio este régio despertar. Porque a chaga ainda sangrava abundantemente; e exilados ou não—resolveram os políticos espanhóis abandonar Afonso XIII. Berenguer tateou os muitos perigos e concedeu algumas liberdades, para salvar a carôa vacilante. Respondeu-lhe a Espanha nova com as revolta de Jaca e Quatro Vientos.

Fracassadas as tentativas, por um conjunto de fatalidades, anuviou-se ainda mais o céu de Afonso XIII. Era chegado o momento de aquêles que desprezara se pronunciarem; e foram todos coerentes nos pontos de vista: **guerra à monarquia**. Até os antigos monarquicos cruzaram os braços para não estorvarem o curso dos acontecimentos. As frases de Sanchez Guerra têm, por vezes, a mordacidade das de D. Miguel Unamuno. E prometiam todos os espanhóis conscientes não ir às urnas...

Afonso XIII, no intuito de acertar, chamou então os políticos que governaram a Espanha antes da ditadura. Acorreram êstes ao paço, usando para com o soberano duma clareza expansiva. O que êles lhe disseram devia tê-lo horrorizado, porque se chegou a falar em nova ditadura. Mas os chefes militares de Madrid resolveram ser estranhos a toda a política e não apoiar outra ditadura.

Aznar formou ministério, mas a alma espanhola agita-se tormentosamente. Que diria Balsco Ibañez se ainda vivesse? Havia de encarar o momento actual como um resurgimento dignificador da sua querida Espanha.

Ibañez foi por vezes violento, mas disse e escreveu verdades como punhos. Na sua pátria há cerca de vinte mil conventos, onde medra a reacção mais aviltante. Apetrecham-se, dia e noite, para defender o trôno...

E' que o filho do famoso autor dos «Quatro cavaleiros do apocalipse» disse há tempos a um reporter estrangeiro que de cada convento fariam uma escola; que a República seria um facto no ano de 1931, etc. Sobre o passado uma lousa sepulcral! Houve injustiças medonhas que hoje se procuram remediar. A República espanhola não é utópica. E' uma coisa certa, inevitável, próxima.

Palestra de gratidão

O nosso ilustre amigo e valeroso Democrata, sr. Dr. Emídio Guerreiro, tencionava realizar no Centro Republicano desta cidade, uma palestra, para assim testemunhar a todos os sinatários dum telegrama, que lhe fôra dirigido e há pouco transcrevemos neste jornal, a sua profunda gratidão.

Todavia, e por motivo de força maior, não pôde efectuar-se a reunião, o que—como este nosso distinto amigo—sinceramente lamentamos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Mau gosto

Têm continuado os *remendos* na Praça de D. Afonso Henriques. E' como que uma sala de visitas com um tapete de amostras, mas de péssima qualidade e de mau gosto...

Gralhas

Verdadeiros enxames. Atormentam-nos a toda a hora e—por descontento dos nossos pecados—não inventamos ainda um enérgico insecticida capaz de nos livrar das suas mordeduras.

O leitor complacente nos releve esta falta

Uma estopada

Um tal Joaquim Simão, que tem o sobriquet de «o marcado», é—como tudo nos leva a crêr—uma criatura muito temente a Deus. Sendo um entevado da Ordem de S. Domingos, conhece respectivo casarão—nos seus mais pequenos detalhes—como as palmas das suas mãos. Pois este ratinho de igreja furtou ha dias, daquela Ordem, um turbulo e uma naveita, objectos de prata com o valor de 1.200\$00. Amolgou tudo e recomendou ao recoveiro Abreu que vendesse aquela sucata no Porto. Este negou-se. O caso descobriu-se. Interveio a autoridade e... traz.

Uma estopada.

Vida cara

Toda a Imprensa—de Norte a Sul do País—vem fazendo a mais intensa propaganda contra o excessivo preço dos géneros de primeira necessidade. Mas o *fado* tem de correr o seu destino, e os consumidores pobres e os *mal remediados* têm de ser vítimas deste mal pertinaz e inconsciente. Da nossa parte, temos a consciência do dever cumprido, visto que não temos descurado, tanto quanto nos tem sido possível, este assunto, que reputamos de grande importância. Infelizmente, os nossos desejos continuam a não ser satisfeitos, e eis-nos a assistir à luta contra as *mil e uma* dificuldades que o custo da vida provoca.

De facto, o problema a resolver, neste sentido, tem de ser encarado muito a sério, por quem de direito, porque, só assim, poderá ser modificada a triste situação daquêles que não podem vencer os efeitos duma vida desordenada e desorientada, cujas circunstâncias estas que adveem do custo daquilo que é indispensável ao alimento do organismo. Ahamos, por isso, oportuna a ocasião para falarmos, mais uma vez, na necessidade que há do Governo tomar as devidas providências. E' uma tarefa inadiável, e que, além de justa, é humana. A atenção que devemos ter para com a vida do nosso semelhante é uma obrigação moral, e o não cumprimento dela representa um crime. A Administração dum povo tem de ser orientada sob os múltiplos aspectos a que tem de atender, e este—o da vida social, não pode, por forma alguma, ser tratado com menos ponderação e com menos interesse do que qualquer outro.

Mais candidatos ao céu

Informam-nos que nas igrejas de Santa Marinha da Costa, Misericórdia e S. Francisco, apparecem um sujeito habilidoso que teve a dita de subtrair-lhes várias alfaías ou paramentos. A policia está em campo e procura o cavalheiro que, pelo visto, viajou incógnito.

Nós daqui lançamos um bocado de luz no mistério. Nada sabemos; mas, a experiencia da vida levamos a concluir que o *homem-mistério* deve estar acorçado aí pelas confrarias, que são, ainda hoje, quem produz maior número de técnicos neste género de actividade humana. E' uma ideia que oferecemos aos agentes, caso não tenham farejado já essas redondezas—o que achamos impossível.

Grande invasão

Com a chuva dos últimos dias, foi tal a quantidade de lama que invadiu a nossa cidade, que algumas ruas e o lado nascente da Praça de D. Afonso Henriques, quasi chegaram a estar intransitáveis. As *minhocas*, animais inocentes, já rastejavam sobre os passeios. Chamamos para este facto a atenção da nossa Câmara, pois bom é que ele não se repita para não darmos a ideia de que estamos numa aldeia de *Paio Pires*, embora de 1.ª classe.

Asilos, Orfanatos

e outros meios de protecção à infância

11

Voltamos hoje ao assunto. Esta ninharia, duma aparência tão fútil, merece mais atenção do que aquela que, às primeiras impressões, possamos outorgar-lhe. É possível que repisemos algumas verdades anteriormente ditas. Mas, *esta coisa de repisar* é tão necessária ao jornalismo como a lubrificação às máquinas ou o pão ao homem. Creemos não ser esta a última vez que tal façamos. Após uma cadeia de considerações, excaradas em o número 310 de A «Velha Guarda», resta-nos concentrar um pouco todos os considerandos.

Estas casas de beneficência, a que nos vimos reportando, enfermam dum mal contagioso e porventura dum funesto mal-entendido. Nós explicamos-nos melhor.

A República Portuguesa nada tem com os benefícios que a religiosidade de indeterminados indivíduos realice em território nacional. Nada tem porque, em teoria, se torna estranha a todos os cultos. Estribada na *grandiosa Trilogia*, que é o rijo alicerce de toda a sua formosa ideologia, vê com desvanecimento a obra de benemerência praticada a dentro de princípios puramente democráticos. Esta é a corrente que deve interessar seriamente os cidadãos portugueses. Porque é a única invulnerável.

Os asilos, orfanatos e colégios, porém, são em Portugal uma empreza—que na provincia toma um afrontoso exclusivismo—da religião católica.

Será interessante, para muita gente, mas não pode ser logicamente humano. Porque a prática tem mostrado os catastróficos resultados. São cérebros atrofiados que nos fornecem, saturados ainda de espessos dogmas. Esta deformação metódica dos que ali vivem, crescem e se educam, deve terminar.

Que interesse pode ter a criança pelas coisas da igreja?

Não seria melhor esperar-lhe a inclinação?

A doutrina é salutar. Isto não significa luta aos princípios religiosos de cada um. Nada temos com isso e admitidos até que—a título de curiosidade—se levem as crianças a ver tudo; que assim se lhes manifestam as tendências. Para longe, muitíssimo longe, o fanatismo que lhe incutem os seus mentores.

Era sobre este mal contagioso que a República deveria ter legislado bastante inequivocamente. Não o fez ainda. E devemos concordar que os estabelecimentos supracitados entram indubitavelmente na conta das casas de ensino; é que este ensino é profundamente desigual, do oficial, na formação dos seus pupilos. Está precisamente nisto todo o mal entendido.

Porque—lá vai um pouco de repisa—as crianças necessitam de ar e de luz e de diversões.

Há processos de educação, que ainda são postos em execução, que têm já alguns séculos de existência; velharias desumanas que podem cometer-se nesta época de *refinada civilização*!

Imagine o leitor que por uma alçada noite de inverno se dá ao luxo de passear no Largo do Toural! Que são três ou quatro da manhã! E, a dada altura, suponha lhe chegam aos ouvidos os acordes dum canto místico. Esse canto—se reparar bem—é entoado por crianças e cõa-se duma igreja. Para completar, calcule que essa igreja era o templo de S. Pedro e as crianças uns internos de certa casa do género.

Mete medo? Nada. Isto deu-se e há muita gente que o sabe. Lamentamos seriamente tanta falta de piedade naquêles que a pregam a todos os cantos e esquinas.

Sim senhor

Acabamos de ser informados de que, por iniciativa do muito digno Inspector Sanitário deste concelho e Veterinário Municipal, sr. Dr. Joaquim de Barros, vai ser instalado no nosso mercado um talho, regulador de preços, para a venda das carnes de boi, vitela, porco e cabrito.

A ideia é magnífica, pois é de todos conhecida a nenhuma consideração dos marchantes da localidade pela clientela que os visita.

Os gados sofreram uma baixa de cerca de 50%. Todavia, os preços mantêm-se como ha um ano. É uma ocorrência incompreensível e só por um acto desta natureza conseguia o Município opor um dique poderoso á desenfreada torrente de apetites.

Aplaudimos a ideia. E ao sr. Dr. Joaquim de Barros desejamos sempre a mesma energia no desempenho das suas funções.

A energia que sempre tem mostrado.

Dr. Alfredo Fernandes

De volta de Vieira do Minho, sua terra natal, temos visto nesta cidade o sr. Dr. Alfredo Fernandes, nosso prestimoso amigo e valoroso correligionario.

Um abraço.

Sem comentários

Transcrevemos de «O Primeiro de Janeiro» de 22 do mês findo, algumas frases insertas na Carta de Lisboa, que se vinha referindo a uma Nota Oficiosa dimanada do ministério das Finanças.

«E' assim mesmo! Quando a crise chega, todas as previsões falham.

...Porque em outras crises económicas, como a terrível crise após o Armistício, em que tantas ruínas financeiras se amontoaram por essa Europa fora, foram os homens e a acção política, —dêles e dos seus grupos—diminuídos, acusados de incompetência rasa e raramente respeitadas nas suas intervenções, na sua honra política e até às vezes pessoal...

Pois se a ninguém é possível efectuar milagres!»

No coração da cidade

Continua a mesma peste. Passeios interrompidos a todo o momento e o aguerrido palavrão fazendo estragos.

A policia parece—no entanto—estar tomando isto a sério. Avante.

Muito bem

«Madrid, 22 - O general Berenguer telegrafou às autoridades militares, pedindo a colaboração de todas, para bem da Pátria, do Exército e das instituições, dizendo confiar que os militares atendam exclusivamente aos seus deveres profissionais».

(De O Século de 23-2-931)

nas. Dizem depois que nós pretendemos fazer politica de tudo. Não. E' nos profundamente simpática toda a obra boa. Acontece porém que, às vezes, a tinta encobre-nos o trabalhinho e somos forçados a considerá-lo obra má—sobre este aspecto, já se vê.

David Braga

Uma justa aspiração

O comércio de Guimarães—como, em geral, o comércio do País inteiro—debate-se, no actual momento, em assustadora crise. Sabe-o bem toda a gente que viaja e lê a imprensa. Basta uma pequena deslocação para o saber.

E este mal, que provoca uma surda excitação em todos os balcões, não se cinge unicamente a Portugal visto que, de além fronteiras, nos asseberba o ouvido uma cadeia infinita de idênticas notícias.

O mal é mundial e deriva ainda do formidável conflito armado de 1914-1918; acrescentemos-lhes o movimento constante das sociedades que se chocam assopradas por ideias políticas e ocasionam, portanto, o desarranjo económico. Sobre tudo isto o dumping russo, que vem favorecendo, de há tempos, a ruína das indústrias europeias e americanas.

Não nos surpreende, pois, que em Guimarães se veja, com nervosa serenidade, o mesmo estado de coisas;—uma crise que tende a aumentar desenfreadamente, vertiginosamente; um desemprego que toma o aspecto ameaçador dum mundo que convulsiona outro.

Em conclusão, ponhamos diante disto algumas reticências por não podermos augurar a hora—má ou boa—que nos espera.

Agora, cumpre-nos salientar uma nota discordante que há muito se avoluma no nosso espirito observador.

Uma nota discordante! Toda a gente reconhece que o comércio do Largo Prior do Crato se acha abandonado pelos dias fora, uns após outros, sem que a sua antiga actividade tome—aos sábados sequer—um pouco do quasi nenhum ar da sua vida caracteristica. Nós salientamos este facto porque o Município pode atenuar-lhe um tanto a sua miserável situação. Pode e deve fazê-lo por humanidade; porque, fazendo-o, comete um acto de justiça que ninguém poderá jámais reprovar-lhe com razão.

E' uma simples disposição. Vejamos. Aos sábados realisa-se a feira de gado bovino e suíno no lugar chamado «Cano», um bocado da cidade que se estende ao norte do castello.

Muito bem. Essa feira aproveitada ao diminuto comércio da localidade e dá uma certa vida à moral solidão do lugar.

Mas devemos ter a heroicidade de dizê-lo alevantadamente—isso não basta. E não basta porque esse local é digno doutro destino que maltrate um pouco menos aquêles nosso padrão medieval; e não basta porque o sitio é bastante distante do aglomerado urbano, obstando a que muitas pessoas possam frequentá-lo por falta de tempo.

Era pois duma urgente necessidade que, aquêles que podem fazê-lo, estudassem imediatamente o problema. Não é difícil, a nosso ver, destinar á feira semanal outro local. Porque não se escolhe o Campo da Feira?

E' uma esquina da cidade aonde de toda a população pode acorrer, movimentando uma série de artérias que são passagens forçadas. E a Rua de S. Damaso e o Largo Prior do Crato beneficiariam grandemente dessa resolução. Porque pagam bem maiores contribuições que o lugar que actualmente usufrui essa regalia.

A ideia não é nossa. Há muito quem fale nela e—porque a achamos justa—adoptamo-la.

Já em tempos houve uma Vereação que a pôs em prática.

Hoje que, por um conjunto de circunstâncias, o comércio sofre tão dura paralisia, era oportuno efectuar-se tal melhoramento. Sabemos que há quem discorde, que há quem respingue, que há quem seja atingido.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO**de Portugal Continental e Insular, de Américo Costa**

Registo minucioso e meticoloso de todas as Cidades, Vilas, Aldeias, Povoações, Lugares, Lagos, Cabos, Castelos, Termas, Praias, Praças, Monumentos, Minas, Serras, Montes, Estações, Ribeiros, Rios, Matas, etc.

Está sendo publicado em tomos mensais de 80 páginas no formato de 0,24 x 0,14, ao preço de 5\$00, franco de porte para o continente e ilhas. A obra é ilustrada com mapas a 3 cores, impressos em papel especial.

Está em distribuição o tomo n.º 17 e continuam a receber-se assinaturas na Livraria de L. Oliveira & C.ª à Rua da República, desta cidade.

Mas repetimos: *isso não basta*. Porque uma parte importantíssima do nosso comércio está fundamentalmente lesada.

E contra factos não há argumentos. Para grandes males, grandes remédios.

Partidas

Seguiu ha dias para Lisboa o nosso amigo e valoroso correligionario, sr. Dr. Alfredo Pinto, com o fim de avistar seu estremo pai que se encontra assás doente na capital.

Fazemos votos pelas rapidas melhoras do doente e regresso feliz daquele nosso bom correligionario.

—Para a mesma cidade partiu tambem o nosso valioso correligionario e amigo, sr. António Francisco Ferreira de Castro, onde foi tratar dos seus negócios.

Nem o almofoadão escapou...

O episódio desenvolveu-se ali na vizinha freguesia de S. Miguel de Creixomil. Ha nele algum tanto de jocoso... e de sério.

Possuía aquela igreja parochial um rico almofoadão de seda bordado a ouro e matiz, dádiva valiosa da sr.ª D. Carolina Macedo Bastos que é, para a pobreza vimaranense, uma inconsolável benfeitora. Os paroquianos do lugar, conheciam o objecto e chamavam-lhe sen (dêles).

Ora aconteceu que foi chegado o dia em que a discórdia lavrou entre os crentes e o seu reverendo. Ardeu Troia! E este meigo pastor, acossado por tantas impertinencias, atamancou as trouxas e evaporou-se.

Registou-se após a sua retirada, a falta do almofoadão. Quem seria?

Diz o povinho que sua reverência o levou por «falta de esquecimento».

Santo homem!...

N. B.—Esta noticia nada tem com o actual sacerdote daquela freguesia.

Falecimento

Por motivo duma pertinaz doença, faleceu na residencia de sua mãe, á Rua Gil Vicente, sr. António Boaventura Mendes Guimarães, nosso correligionario de sempre.

O extinto era irmão do nosso querido amigo e prestimoso republicano, sr. Joaquim Boaventura Mendes Guimarães.

«A Velha Guarda» envia condolências á familia enlutada.

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

O perigo Oriental

Temos lido muitas opiniões desconcertantes sobre os russos vermelhos. Dizem que é a nova barbarie preparando-se para inundar o ocidente, uma súcia de cafres e muitas coisas feias...

Afinal, nós também pertencemos a esta parte do globo e não receamos muito as torturas.

Os camaradas não hão-de ser tão maus como dizem...

Julgamos até que é demasiado cedo para apreciar a Rússia bolchevista. Faltam muitos elementos.

Convite

São convidados os 1.ºs cabos licenciados na area deste concelho e pertencentes ao Batalhão de Caçadores n.º 9—Braga—para irem servir na colónia de Moçambique, nos termos do Decreto n.º 13.309 de 23-3-1927, tendo aquêles que acitarem o referido convite, de se apresentar no quartel daquele batalhão, no dia 1 de Março do corrente ano, para serem inspecionados no Hospital Principal do Porto.

Procuradoria

A acreditada agência do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes, que tão util é aos contribuintes do concelho, mudou o seu escritório para o Largo da Condessa do Juncal (Traz de S. Paio).

Casa de Crédito Popular

Agência N.º 69

Largo 1.º de Maio, 2—GUIMARÃES

Para os devidos efeitos se anuncia, nos termos do Art.º 127.º do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 8.162, de 29 de Maio de 1922, que a partir do dia 9 de Março próximo se procederá à venda em leilão dos penhores que caucionem os empréstimos que tenham um atraso de mais de três meses.

A Agência n.º 69 receberá juros em dívida até 7 do citado mês de Março, depois do que os resgates ou renovações dos contratos ficam sujeitos ao pagamento da taxa fixada para despesas de leilão.

Guimarães e Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, 6 de Fevereiro de 1931.

O Chefe da Agencia,

Joaquim Eduardo da Silva